

1

Origem e definição do problema

Se o homem é formado pelas circunstâncias, o que é preciso é formar as circunstâncias humanamente.

Karl Marx

São cerca de 40 anos de conferências, encontros, seminários, congressos mundiais e nacionais, cujas pautas debateram temas ambientais. Estão completos 34 anos do I Encontro Internacional de Educação Ambiental (Belgrado, 1975), nascedouro do Primeiro Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) que inclui, dentre tantas outras discussões, a necessidade de “um novo tipo de educação”. No Brasil, várias universidades comemoram 30 anos de seus cursos de Pós-graduação em ecologia¹ e da inserção da temática ambiental em seus currículos². No sul do país a Universidade Federal do Rio Grande iniciou seu Programa de Pós-graduação - mestrado - em Educação Ambiental em 1995 e o de doutorado em 2005. O Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) completa 14 anos da sua primeira publicação.

1 Nas Universidades Federais do Amazonas, Brasília, Campinas e São Carlos.

2 Muitos Programas de Pós-graduação têm linhas de pesquisa ou pesquisadores que trabalham com Educação Ambiental. Segundo um estudo realizado por Lorenzetti e Delizoicov (2008) sobre cursos de pós-graduação nas áreas de Ciências Humanas e, especificamente, de ensino, foram produzidas 411 dissertações em 79 programas de pós-graduação distribuídos por 59 Instituições de Ensino Superior, entre 1981 a 2003. FURG, UFMT, PUC-RJ, UNESP-Bauru e UNICAMP, respondem por 38,9% das dissertações. Neste período 322 teses foram aprovadas. Os autores observam que, há uma dispersão na produção da área, sendo que “251 dissertações foram produzidas em 74 programas distintos, dos 79 existentes”.

Muitas datas, poucas comemorações em um país cuja biodiversidade encontra-se sob constante ameaça. Em um país onde 51% da população ainda não dispõem de saneamento básico (IBGE, Censo 2006). Onde crianças e jovens convivem diariamente com a violência e a criminalidade.

As estratégias de enfrentamento das questões socioambientais, sejam no Brasil como no resto do planeta, ainda são incapazes de deter ou mesmo arrefecer a lógica destrutiva do capital.

Mesmo após anos de discussões e implementação de políticas³ e programas de Educação Ambiental o quadro é lastimável. Especificamente, em relação à Educação Ambiental (EA), acumulam-se anos de experiências variadas e dispersas na formação do quadro de educadores ambientais brasileiros. Entretanto, considero existir uma carência de estudos que problematizem a formação e o trabalho dos profissionais capazes de atuar com as vastas questões socioambientais que nos afligem. Falta ao campo este debate capaz de unir formação e trabalho, teoria e prática da Educação Ambiental (EA), principalmente neste momento “sui generis” em que a EA está prestes a “receber” suas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Parto do pressuposto que os Educadores Ambientais precisam necessariamente exercer uma função intelectual crítica, visto que seu objeto de estudo, de produção do conhecimento e de ação profissional pretende questionar as relações homem-natureza. Logo, o adjetivo crítico se refere ao compromisso necessário para avaliar as contradições e os desafios postos a partir da citada relação e de elaborar ações de intervenção necessárias à resolução dos problemas dela originados.

Neste percurso os educadores ambientais têm como meta, através da reflexão e da ação política, a transformação socioambiental. Para Gramsci (1995), todo trabalho é intelectual, e como sugere Bauman (2001), há caminhos possíveis a serem trilhados pelo trabalho intelectual:

3 Desde 1981 a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) determina a necessidade de inserção da EA em **todos** os níveis de ensino. Tal obrigatoriedade é reafirmada na Constituição Federal de 1988 (Inciso VI, Artigo 225).

traduzir problemas privados em públicos, passar da autonomia individual para a sociedade autônoma e, acima de tudo, recontextualizar utopias.

As práticas e os resultados do processo educativo podem ser tomados como hábito, como uma tradição inquestionável, como reprodução da ordem instituída, mas também como revolucionárias, capazes de romper com a limitação do esclarecimento, com o insucesso da humanização do mundo, com a alienação e com as formas de dominação (Adorno, 2003).

Imerso nas contradições e no espetáculo cultural oferecido pela “*condição pós-moderna*” (Lyotard, 1984) e, ao mesmo tempo, buscando responder aos seus desafios, o educador ambiental traça caminhos de formação e atuação profissional que precisam ser compreendidos em relação às condições a que estão subordinados, na relação com a sociedade e o tempo histórico, na relação com a natureza e com o mundo material.

Das reflexões iniciadas surgem algumas questões:

- As condições sociais, culturais e econômicas da contemporaneidade estão formando uma nova intelectualidade no campo educacional?
- A educação ambiental pode ser considerada como um campo de confronto e de subversão da ordem instalada?
- Como os educadores ambientais se colocam em relação à cultura dominante, em relação ao próprio trabalho e à sua identidade profissional?
- Qual formação tem ajudado o educador ambiental a pensar e trilhar novos projetos culturais que levem a mudanças socioambientais?

Estas dentre tantas outras questões precisam ser respondidas nas diversas esferas de formação e de atuação profissional, da universidade à escola, dos espaços públicos aos espaços privados de educação. A

construção de uma nova sociedade envolve os educadores⁴, como parte importante do processo de transformação, mas não pode deixar de valorizar e cobrar posicionamento de todos os demais sujeitos desse processo, em todas as esferas da vida social.

O que este trabalho se propôs foi a compreensão das escolhas e dos caminhos trilhados por educadores ambientais, a partir das narrativas construídas em suas condições reais de produção quando da escrita de suas memórias.

Sintetizando, o problema desta tese é:

Como educadores ambientais traçaram seus caminhos de formação e de atuação profissional?

Para responder a esta questão vamos apresentar no próximo capítulo conceitos e reflexões centrais para a compreensão do significado do trabalho no mundo contemporâneo e das relações entre esse e a educação. Parte-se da compreensão da EA como um movimento que se opõe à lógica de dominação capitalista homem-natureza, compreendida na perspectiva de Marx e Engels.

Em seguida, no capítulo 3, se apresentam os movimentos de configuração histórica da EA, passando pelo que se entende como o trabalho a ser realizado pelo educador ambiental e as contradições que cercam esta atividade. Por fim, apresenta-se o conceito de intelectual em Gramsci e sua função na sociedade. Conceito este que ajudará a compreender os limites e possibilidades do trabalho e da formação em EA.

O capítulo 4 apresenta a natureza das fontes documentais da pesquisa, os memoriais de educadores ambientais. Problematiza-se à luz

4 Usarei também o termo educador para me referir aos educadores ambientais. No campo o termo “educador” possui a perspectiva apontada por Nosella (2009, p.2), para quem “(...) *O educador semanticamente explicita a necessidade do engajamento ético-político dos professores*”, de modo que “o conceito de educador transcende o de professor”, pois este assume “a responsabilidade na formação integral do cidadão, à cumplicidade radical entre educando e educador”. Portanto, para ser um educador ambiental é preciso antes de tudo assumir-se como um educador.

de estudos autobiográficos o que significa *ler e interpretar* a memória alheia. No mesmo capítulo se estabelece o diálogo com a teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin, para fundamentar teoricamente a construção da análise dos enunciados.

A partir do 5º capítulo é apresentada a análise dos textos memorialísticos. Com a ajuda dos quadros (Apêndices, quadros 2 ao 5, p.217-232) que organizam os dados estudados, introduz-se uma visão geral, panorâmica, das trajetórias de formação e de trabalho dos educadores ambientais. No 6º capítulo a apresentação dos resultados trava diálogo com as citadas referências teóricas do materialismo dialético e, ao mesmo tempo, busca nos estudos atuais do campo da EA, a referência para a ampliação da compreensão dos dados/fatos.

Ao final, são apresentadas as conclusões da pesquisa e algumas considerações que ajudam a estabelecer criticamente as barreiras que atualmente impedem a EA de se consolidar como uma esfera contra-hegemônica.

Como decorrência deste percurso investigativo pretende-se trazer também uma contribuição para a formação de educadores, começando pela própria autora que, aos 18 anos de atuação profissional no campo da EA, teve uma oportunidade ímpar de aprofundamento em suas reflexões teóricas.

Esta pesquisa, ao realizar o resgate memorialístico do trabalho e da formação na área de educação ambiental, poderá constituir-se em um instrumento de análise da situação do campo e colaborar com projetos futuros, inclusive governamentais, por exemplo, relativos à formação dos futuros educadores.